

SVENDANDO O UNIVERSO SIMBÓLICO DA PENÍNSULA BARRA-RJ

Aluno: Anwar Naciff Elwasiaa
Orientador: Leo Name

Introdução

O nosso recorte espacial, localizado na Barra da Tijuca, bairro da zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, é fruto de um grande projeto empreendedorista da década de 1980, da construtora Carvalho Hosken, assim como também, de um intenso processo de especulação imobiliária ao qual se “determinara” o prolongamento da Zona Sul da cidade – região nobre, de alta reprodutibilidade no imaginário turístico, historicamente onde se concentraram investimentos públicos em melhorias urbanas e produção de amenidades, e habitada majoritariamente por diversos estratos de classe média e da elite carioca – para os bairros de São Conrado e Barra da Tijuca. Esse processo especulativo não acontece ao acaso. Na verdade ele vai ao encontro dos interesses do Estado na constituição de um lugar “à parte da cidade”, devendo apresentar-se com filosofia própria, calculado, medido, ordenado – lembremos do projeto urbanístico elaborado pelo arquiteto Lucio Costa, expoente da arquitetura e urbanismo modernistas no Brasil, para a baixada de Jacarepaguá –, voltado para uma classe social de maior poder aquisitivo (consumo). Destarte, para a materialização desse “magnífico ideário modernista”, ao qual a Barra da Tijuca faz parte, foi preciso a união de dois agentes produtores e modificadores do espaço: o Estado e o grande capital imobiliário. O primeiro atuando, inicialmente, na construção de um complexo sistema viário (estradas, viadutos, túneis, elevados); na implantação da infraestrutura urbana necessária e, principalmente, regulação, mediante um plano urbanístico, desse processo. Já o segundo focou seus olhos para a construção de grandes projetos (“condomínios fechados”), como por exemplo, a Península.

Tanto a construção quanto a publicidade em torno do condomínio Península – hoje considerado sub-bairro da Barra da Tijuca – se deu sob os “gritos imobiliários” de preservação do “verde”, da fauna, vida ao ar livre, dentre outros chamarizes comerciais. Agregando valores simbólicos e imobiliários à localização do empreendimento, a construtora alega que investiu maciçamente na reintrodução da flora e fauna nativa dos ecossistemas de manguezal e restinga, caracterizando assim, com base na visão da construtora, a recuperação desses ecossistemas. Ainda que não seja nosso objetivo aqui julgar a validade das informações dadas pela construtora acerca da recuperação ou não desses ecossistemas, cabe-nos constatar e afirmar que a paisagem do condomínio Península, com base no seu “espectro natural”, exerce um poder simbólico naqueles que moram ou pretendem morar no local, tornando-se ferramenta persuasiva – de marketing, para venda e consumo –, convertendo o espaço em objeto de desejo. Temos assim mais um novo produto – no caso a paisagem fetichizada sob o símbolo de natural – dentro de um sistema de sobreposição de lucros.

Objetivos

O presente estudo centra-se (objetivo geral) na busca pela compreensão e desvendar do que denominamos de universo simbólico da Península Barra. Este se refere ao nosso recorte espacial em questão, apresentando-se inicialmente como condomínio fechado e agora como sub-bairro da Barra da Tijuca, cidade do Rio de Janeiro. Os objetivos específicos em

questão são: identificar os indivíduos – ou de certa forma, culturas – responsáveis pelo ato de “grafar” e, principalmente, pela criação de certos “objetos”. Estes, por sua vez, irão se tornar em diversos “símbolos”, estando de acordo com àqueles que os “lêem”. Dessa forma, buscaremos também entender as intencionalidades por detrás da “edificação” desses “símbolos”. Além disso, tentaremos identificar quais são os “símbolos” contidos nos objetos da paisagem deste condomínio. Objetivamos também defender a ideia de que as paisagens, assim como do nosso recorte espacial, são construções sociais, aonde se pode projetar nela um imaginário. E por fim, mas não acabando por aqui, desejamos contribuir para o processo de “leitura da paisagem”, de modo que a mesma seja uma ferramenta de compreensão da realidade social.

Metodologia

O presente trabalho tem como recorte espacial a Península Barra e objeto de estudo as representações que constroem a sua paisagem. Nossa abordagem conceitual-analítica baseia-se na *New Cultural Geography*, tendo como pressuposto metodológico a paisagem sob uma abordagem cultural, de dimensão simbólica, social e em constante (re)construção. Entendendo-a como construções sociais, aonde se pode projetar nela um imaginário.

Considerações

Podemos constatar que paisagem da Península apresenta-se repleta de símbolos criados por uma cultura “imobiliária-mercadológica” – no qual fazem parte os promotores imobiliários, o Estado e os moradores –, que tenta se colocar como dominante, produzindo paisagens de acordo com o seu mundo e projetando-o para a realidade de todos. Nessa produção da paisagem, objetos são criados para se constituírem como símbolos para a sociedade. Dentre eles podemos identificar o do “verde”, do privado, do caráter exclusivo e do “status social”. Esses símbolos, diante do poder que exercem sobre aqueles que os lêem, acabam se tornando ferramenta persuasiva – de marketing, para venda e consumo –, convertendo o espaço em objeto de desejo. Podemos concluir ainda que a paisagem da Península é composta por um desenho urbano/paisagístico “pós-moderno” que a partir do senso comum da cultura de massa difunde o que é “moderno”, “clássico”, artístico”, “verde/ecológico”. Assim, a paisagem da Península que fica aqui é complexa, diversa, simbólica, híbrida e social.

Referencias

- 1- REZENDE, Vera e Gerônimo LEITÃO. Plano Piloto para a Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá, a Avaliação dos Ideais Modernistas Após Três Décadas. XVII Congresso Brasileiro de Arquitetos, Rio de Janeiro, 2003.
- 2- PAES, Maria Tereza Duarte. “A (re)significação da paisagem no período contemporâneo”. In: *Paisagem, Imaginário e Espaço*. Org. Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- 3- BERQUE, Augustin. “Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural”. In: *Paisagem, Tempo e Cultura*. Org. Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.
- 4- MELO, Vera Mayrinch. “Paisagem e Simbolismo”. In: *Paisagem, Imaginário e Espaço*. Org. Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- 5- CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.